



A REPRESENTATIVIDADE DE JORNALISTAS TRANSMASCULINOS E A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO

Helton Ferreira Nascimento¹

RESUMO

A globalização trouxe desdobramentos relevantes, que permitiu que indivíduos de diferentes culturas, mas com interesses comuns, pudessem nos ciberespaços se conectarem e acompanharem o movimento de seus pares, por meio de um processo entendido como aculturação, ou seja, a interpenetração de diferentes culturas. Neste âmbito, as narrativas dos sujeitos que ali estão, acabam sendo um importante mecanismo para se entender quem são esses sujeitos e quais são suas contribuições para a sociedade e para as comunidades virtuais nas quais estejam inseridos. Neste contexto midiático, estudos recentes ressaltam a importância interseccional de jornalistas transgênero. A partir desta demanda, este estudo buscará entender, à luz perspectiva discursiva de Foucault, como estas representações podem repercutir nas construções identitárias dos telespectadores-internautas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Discursivo. Envolvimento. Jornalistas Transsexuais. Telespectadores-Internautas.

INTRODUÇÃO

Estudos como os de Reis, Thomé, Miranda (2020), destacam que no âmbito do consumo de serviços noticiosos (jornalísticos), os telespectadores que estão nos ciberespaços, têm agido de modo mais colaborativo com os conteúdos que estão por usufruir: a segunda tela. Fenômeno que Vieira, Silva e Chinelato (2016), entendem que se deu em decorrência da convergência bilateral, dado a partir de códigos de comunicação específicos, como as linguagens que são utilizadas tanto nos ambientes de mídias jornalísticas tradicionais (rádio e televisão), como em ambientes virtuais (mídias sociais).

Partindo desse pressuposto, Seixas (2009), diz que para compreendermos as linguagens do gênero discursivo dada a partir da convergência bilateral, é preciso diferenciar as unidades discursivas em relação ao produto e, essa diferenciação ocorre na relação dos sujeitos entre si e com os objetos de consumo. Noutras palavras, a partir deste conjunto de elementos intra e extradiscursivos. Por conseguinte, Seixas (2009), destaca que em mais de 50 anos de estudo, os gêneros jornalísticos estiveram divididos por um critério-chave: função/finalidade, entretanto, a interpretação da mensagem transmitida a partir do gênero discursivo é uma questão crucial para compreendermos a repercussão da representatividade de gênero no âmbito jornalístico e em outras esferas sociais.

¹ Bacharel em Secretariado Executivo Bílingue pela Faculdade de Ciências de Administração de Garanhuns (2013). Especialista em Gestão de Negócios e Pessoas pela Faculdade de Ciências de Administração de Garanhuns (2015). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão Inovação e Consumo (PPGIC), pela Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste. Áreas de interesse: Antropologia do Consumo, Cultura Material, Comportamento do Consumidor nos Ciberespaços, Consumo Sustentável, Prossumidor. Correio eletrônico: elton.champions@gmail.com.



Alinhado a isso, as análises de Cassana (2018) e Picchiali (2019), apontam para a importância de se ter múltiplas representatividades nas mídias radiofônicas, televisivas e mídias digitais, posto que, nestas mídias, os sujeitos que ali estão, são preponderadamente indivíduos qualificados segundo os princípios da heteronormatividade. Assim, partindo do entendimento de que as múltiplas representatividades se mostram como sendo uma importante ferramenta na constituição midiática (radiofônica, televisiva e digital).

À vista disso, torna-se relevante saber como estão sendo constituídos os discursos de jornalistas transmasculinos? De que maneira deve ser compreendido esse campo jornalístico ou formação discursiva jornalística? Para que desta maneira, possamos entender e associar a repercussão desses discursos nas produções de sentidos de conteúdos noticiosos que ocorrem nos ambientes virtuais e sua reverberação nas constituições do gênero discursivo dos telespectadores-internautas que ali estão.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Pretendemos aqui, embora que sucintamente, apresentar as questões de gênero propostas pelo conceito de “formação discursiva” de Michel Foucault (1969) e as questões de identidade de gênero, aquém da perspectiva biologicizante (BUTLER, 2001-2003). Assim, Judith Butler (2001-2003) busca em suas análises evidenciar a importância da “desnaturalização” do gênero socialmente constituído e, para tanto, defende o emprego de possibilidades imagináveis e viáveis aplicáveis às configurações de gênero.

Portanto, Butler (2001-2003) diz que as identidades de gêneros não são coisas com as quais nascemos, logo, estas são formadas e transformadas dentro de representações que tem como gênese a centralidade da categoria gênero, a qual é a questão do binarismo, que perpassa por uma heterossexualidade imposta, até uma heteronormatividade das relações sociais com implicações na constituição linguística da realidade que classifica os indivíduos em categorias e os fixa à sua própria identidade.

Nesse âmbito, às mídias tradicionais reprodutoras de conteúdos noticiosos (das quais engloba o telejornalismo), mostram-se como um instrumento de proliferação dos parâmetros heteronormativo, haja vista que, em maioria, não são compostas por diferentes discursos que compõem, por exemplo, o grupo dos indivíduos identificados como transgêneros. Sendo esta, uma importante reflexão a ser feita, dado que esta não incide apenas no fato de como os jornalistas transmasculinos integram o modelo de “jornalismo normativo” existente, mas busca compreender de que modo está sendo constituída a ruptura deste pensamento hegemônico, mostrando haver outras formas de ver e interpretar o que é discurso de gênero.



Nesse contexto, Seixas (2013) chama à atenção para uma questão importante: onde podem ser encontradas as teorias no campo do jornalismo (incluindo a noção de taxonomias), que se alinham ao discurso do gênero noticioso? Para tanto, é preciso compreender quais critérios devem ser considerados como componentes contemporâneos do discurso noticioso? Estes, devem estar embargados nas condições intralinguísticas e extralinguísticas existentes? As respostas para estas questões se desvelam como um importante instrumento para a compreensão do papel das mídias tradicionais (rádio, televisão...) e contemporânea (mídias sociais), na constituição do gênero discursivo. Destarte, torna-se relevante entendermos que tipo de linguagens está sendo utilizadas tanto nos ambientes de reprodução de mídias tradicionais (o telejornalismo), e ciberespaços (mídias sociais), no intuito de saber até que ponto estas linguagens convergem e divergem.

RESULTADOS

A partir deste estudo, podemos vislumbrar que a noção de quem somos, nossas crenças e valores... (na contemporaneidade, têm sido influenciados pelos discursos de representatividade (como extensão de nós). Numa dinâmica constituída de conexões, que, a partir de códigos compartilhados geram inter-relações e produções voluntárias naturalmente estabelecidas na relação sujeito-objeto, por meio de linguagens e processos de comunicação específicos que dão sentidos para as mídias que produzem serviços noticiosos (REIS; THOMÉ; MIRANDA, 2020).

Por conseguinte, essa revisão de literatura, que se embasa nos estudos como os de Cassana (2018) e Picchiali (2019), apontou que se faz necessário saber como os conteúdos transmitidos por jornalistas transgênero pode ser recebidos pelos telespectadores, que, na contemporaneidade, estão mais presentes nos ciberespaços e, quando engajados, tendem a produzir e consumir simultaneamente, conteúdos jornalísticos.

Destarte, ao se aviltar o estudo da cibercultura e das construções do gênero discursivo que implicam nas re)configurações do(s) processo(s) de processos de criação, consumo, oferta de produção, inovações e práticas das estruturas midiáticas que compõem o telejornalismo contemporâneo, viu-se com este estudo, a importância do desenvolvimento de pesquisas que destaquem a relevância de pesquisas que correlacionem a atuação profissional de jornalistas transgênero que estão nas mídias sociais e, que a partir da sua construção discursiva e relação entre seus pares, tem impactado no entendimento da diversidade jornalística, rompendo pois, com o paradigma da atuação exclusiva do gênero binário em profissões como a de jornalismo.

Posto que, no âmbito do jornalismo, a atuação destes sujeitos, comumente está baseada em um modelo de poder normativo ocidental hegemônico, e estruturada em padrões



heteronormativos (isto é, que classifica, atribui valores e privilégios aos sujeitos que segue estes padrões), excluindo indivíduos que tenham comportamentos e características desviantes para haver a manutenção da produção noticiosa pautada por uma rotina que privilegia o modelo heteronormativo, como meio de controle sobre seus corpos (GAZABIN, 2019; PICCHIAI, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, as configurações do telejornalismo no contemporâneo, são formuladas a partir da compreensão de que homens e mulheres têm estilos de discursos diferentes, que se concentra em homens e mulheres assumem papéis tradicionais geralmente atribuídos a eles, determinado por uma sociedade majoritariamente patriarcal (LOUREIRO, 2014). Onde, os discursos utilizados pelas mulheres mostram-se como mais voltados para o âmbito íntimo, já os discursos usados pelos homens, no que lhe concerne, estão mais voltados para a esfera da interação pública. Entretanto, essa não é uma evidência suficiente de que os sexos existentes no contemporâneo, seguem esta relação de linguagem.

Neste âmbito, Cassiana (2018), Gazabin (2019), Picchiali (2019), vislumbram a necessidade de que o jornalismo deve ser constituído por múltiplos discursos que representam a diversidade de pensamentos que estruturam a sociedade contemporânea.

Assim, para podermos compreender essas diferenças, que no contemporâneo, perpassa a questão do gênero binário, faz-se necessário analisarmos a estrutura linguística presente nos diferentes discursos, considerando as variações sociais e regionais, registros linguísticos, níveis linguísticos, dialetos, letras, gírias, etc., que se cruzam e se sobrepõem. Sobre este entendimento, os achados de Judith Butler (2001-2003), buscam romper com algumas questões paradigmáticas, como a questão do gênero binário.

Com efeito, uma contribuição relevante para as questões de gênero, incide no fato de que há diversas maneiras de ser homem e mulher e, todas elas são válidas (BUTLER, 2001-2003). — Esse achado revela-se com um importante contributo para a intersecção telejornalística, onde a questão da masculinidade ainda é associada exclusivamente a padrões heteronormativos que seguem pela égide newtoniana, patriarcal e burguesa (DARDE; VICENTE, 2015).

Do exposto, tivemos como objetivo clarificar o que podemos entender por discurso de gênero transmasculinos no âmbito do jornalismo e, a partir daí, verificar as teorias, correntes de pensamentos e conceitos que tratam desta relação. Posto que na literatura do jornalismo brasileiros, os estudos que ali estão, não abarcam as questões do gênero discursivo sob a ótica da transmasculinidade, sendo esta, uma importante lacuna para



eventuais pesquisas que busquem englobar as questões de gênero discursivo e as repercussões da representatividade destes sujeitos sobre seus telespectadores.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W., GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BELK, R. W. Extended self in a digital world. **Journal of consumer research**, v. 40, n. 3, p. 477-500, 2013.

BUTLER, J. **El Género en disputa.** Buenos Aires, Paidós, 2001.

BUTLER, J. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras.** Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2003.

BOUVIER, G.; MACHIN, D. Critical discourse analysis and the challenges and opportunities of social media. **Review of Communication**, v. 18, n. 3, p. 178-192, 2018.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1

CASSANA, M. F. Corpo, mídia e identidade de gênero. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 6, n. 11, 2018.

CAVALCANTI, H. T. et al. Prosumers e cocriação de valor na Herbalife. **Revista de Administração FACES Journal**, p. 116-135, 2020.

DARDE, V.; MORIGI, V. Diversidade Sexual no Jornalismo Brasileiro: um estudo sobre as representações da população LGBT nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. **Sbpjor** / Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, v. 8, n. 1, p.149-165, 2012. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/396/368>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

FERNANDES, O. L. C. et al. Consumo simbólico e a representação do self: um estudo de interações em uma comunidade virtual de usuários Ubuntu-Br. **Cad. EBAPE.BR**, v. 17, Edição Especial, Rio de Janeiro, 2019.

FOUCAULT, M. **L'arqueologie du savoir.** Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade do saber.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988. V. 1.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, M. Linguística e ciências sociais. In: **Ditos e Escritos II.** Tradução Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GAZABIN, B. M. A. O ESTIGMA MIDIÁTICO: Análise de discurso em veículos jornalísticos brasileiros sobre as mulheres transgêneros. **[Anais...] EVINCI-UniBrasil**, v. 5, n. 1, p. 391-391, 2019.



GILL, R. Análise de discurso. In: Bauer, M. W.; Gaskell, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GREGOLIN, M. R. (2020). Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: R. L. BARONAS. **Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Araraquara: Letraria.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage/The Open University, 1997.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação. São Paulo: Ed. Aleph, 2009.

LOUREIRO, M. **O gênero no discurso de opinião na Imprensa Portuguesa**. LABCOM/UBI: Covilhã, Portugal, 2014.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MCCRACKEN, G. **Cultura e Consumo: Novas Abordagens ao Caráter Simbólico dos Bens de Consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PICCHIAI, D. Q. **Ditos sobre e ditos por**: o rasgo afetivo das mulheres trans nos discursos midiáticos. Tese (Doutorado em Comunicação Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

PRAHALAD, C. K.; RAMASWAMY, V. The co-creation connection. **Strategy and business**, p. 50-61, 2002.

REIS, M. A.; THOMÉ, C. A.; MIRANDA, P. A. S. Novas funções e competências do Telejornalismo brasileiro. In: 41o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville (SC). **[Anais...]** Joinville (SC): Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). 2018.

SEIXAS, L. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: proposta de novos critérios de classificação. Corvilhã: LabCom Books, 2009.

SIBILIA, P. Eu, eu, eu... você e todos nós. In: **O Show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

VIEIRA, M., F., S.; SILVA, M., O., L.; CHINELATO, S. ESTRATÉGIAS E CORRENTES DE FLUXOS EM ESPAÇOS HÍBRIDOS: A WEB E A TV. **Revista GEMINIS**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 26-42, 2016. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/266>. Acesso em: 27 ago. 2022.